

**A CONTRADIÇÃO DA NATUREZA HUMANA NA CONSTRUÇÃO
DAS PERSONALIDADES DOS GÊMEOS PEDRO E PAULO
NA OBRA MACHADIANA “ESAÚ E JACÓ”¹¹**

Elizangela Tonelli (IFES e UENF)

eliztonelli@gmail.com

Giovanna Tonelli Clevelares (São Camilo-ES)

gvnntnll@gmail.com

Carlos Herinque Medeiros de Souza (UENF)

chmsouza@gmail.com

RESUMO

Esse artigo objetiva entender e identificar os aspectos do discurso narrativo na obra “Esaú e Jacó”, que sustentam as características psicológicas e contraditórias dos gêmeos Pedro e Paulo. Em meio às citações bíblicas e eruditas que reforçam justificam o embate entre os duplos, o resultado que se obtém é a tentativa de fusão dos opostos por meio do triângulo amoroso Pedro–Flora–Paulo. Considerando o caráter indeciso da moça e do seu desfecho trágico conclui-se que a unidade é efêmera e que a rejeição de uma das partes se revela como uma não aceitação da vida do ponto de vista humanitário, uma vez que a contradição, o conflito e as escolhas são essenciais para a evolução do homem.

Palavras-chave:

Rivalidade. Dualismo-Unidade. “Esaú e Jacó”.

ABSTRACT

This paper aims to understand and identify the aspects of the narrative discourse in the work “Esaú e Jacó” which support the psychological and contradictory characteristics of the twins Pedro and Paulo. Amidst the biblical and erudite quotes that reinforce it, they justify the clash between the doubles, what is obtained and the attempt to fuse the opposites through the Pedro – Flora – Paulo love triangle. Considering the indecisive character of the girl and her tragic outcome, it is concluded that the unity is ephemeral and that the rejection of one of the parties is revealed as a non-acceptance of life from a humanitarian point of view, since the contradiction, the conflict and choices are essential for man’s evolution.

Keywords:

Rivalry. Dualism-Unity. “Esaú and Jacob”.

1. Introdução

O ser humano é dotado de forças opostas que constantemente, colocam em evidência a essência do seu comportamento contraditório. O

¹¹ Este estudo foi desenvolvido com fomento da CAPES/FAPERJ.

conflito vem do fato de que o ser humano tem desejos e necessidades que se contrapõem e, conseqüentemente, os angustiam. Entretanto, é relevante aceitar o fato de que não estamos diante somente de um conflito, e, sim, de uma dualidade, que é a condição da coexistência pacífica de princípios opostos como vida e morte, amor e ódio, paixão e razão e outros.

Entre os séculos XVI e XVII, ensejando alcançar uma síntese entre a razão e a fé, o homem buscava o equilíbrio entre o espiritualismo e o materialismo. Essa preocupação foi tão forte que se tornou um traço distintivo das manifestações culturais e artísticas denominada como barroco. Todavia, o discurso envolvendo a dicotomia antropológica ressurgiu com toda força no final do século XIX, nas obras realistas. Focado em personagens marcadas pelo contraste entre essência *versus* aparência, o escritor realista buscou penetrar em suas consciências e analisar-lhes o funcionamento, em virtude do meio social que os circundavam. De acordo com Bosi (2015, p. 169) “o escritor realista tomará a sério as suas personagens e se sentirá no dever de descobrir-lhes a verdade, no sentido positivista de dissecar os móveis do seu comportamento”.

Enquanto para alguns escritores a análise desses problemas se limitava à camada exterior, centrada nos cenários e nas atividades dos personagens, para Machado de Assis, tais fatos não passavam de pretextos para atingir definitivamente a camada interna da personalidade e do caráter humano, e explorar suas vicissitudes e percalços.

Machado de Assis admirava o homem não como espécie, mas como indivíduo. Por isso, tornou-se um mestre em abstrair a complexidade da alma e dos mistérios que envolvem a existência. Não obstante o vasto conhecimento adquirido ao longo de sua vida, o autor constantemente buscava em textos bíblicos, implicações plausíveis para o entendimento inextrincável da dualidade humana e romper com o maniqueísmo que exalta ou demoniza o comportamento dos indivíduos.

Considerando a peculiaridade da estética machadiana, que desloca a sua trama para a exploração da subjetividade da psicologia dos personagens, destacando suas vontades, necessidades, defeitos e qualidades, elegeu-se como objeto de análise o romance “Esaú e Jacó”, pertencente ao conjunto de obras da segunda fase.

Embora não seja um dos livros mais conhecidos do autor, a obra é considerada o ápice de sua maturidade realista de sondagem moral e psicológica das reações e comportamento humano. Mais do que as reações simplesmente incidentais, a obra visa, principalmente, explorar a psico-

logia do desejo junto ao obstáculo à unidade pessoal ante a disparidade de tentações ou, até mesmo, condições impostas pela vida que atraem o homem ao sabor das circunstâncias quase sempre contraditórias.

Segundo Massaud (2015), a análise literária nos permite desmontar o texto literário com vistas a conhecê-lo nos ingredientes que o estruturam. Assim, o objetivo dessa análise foi desvelar a natureza dual humana a partir dos excertos que enredam o romance machadiano, e do diálogo intertextual com o discurso bíblico e erudito de obras clássicas, que são citadas ao longo da narrativa, tendo como aporte teórico autores que retratam a complexidade da *psique* humana. Portanto, a partir do diálogo entre a psicanálise e a crítica literária, entrelaçados às ações e reações dos gêmeos Pedro e Paulo, em “Esaú e Jacó”, buscou-se evidenciar a condição contraditória do sujeito que, inconsciente de sua clivagem, deseja e ensaja a unidade.

A relevância desse estudo se encontra no entendimento entre as relações da essência–aparência–rivalidade, interiorizada no homem e que, constantemente, promovem um embate em situações cotidianas que exigem escolhas ou tomadas de decisão.

2. A dualidade como condição humana

Em meio a diversos estudos e teorias aplicadas à dicotomia interiorizada não ser, pode-se denotar uma proeminente herança psicológica, filosófica e literária que converge em mais entendimento para os conflitos que regem nossa existência.

O termo dualismo é uma transliteração da palavra latina *dualis*, aquilo que ‘contém dois’. No dualismo cartesiano de Descartes, o ser humano é constituído de duas substâncias: externa (corpo) e pensante (alma) que são realidades dicotômicas, irreduzíveis entre si e incapazes de uma síntese final. Dessa ideia também se origina a separação do homem em corpo e alma presentes nas tradicionais crenças religiosas.

Sob o viés da psicanálise, Freud, na obra *Além do princípio do prazer* (1920), se apropria da mitologia grega e dos nomes *Eros* e *Thanatos* para exemplificar as teorias das pulsões, que explica a formação psíquica dos indivíduos. Freud considera a condição humana regida por um dualismo pulsional nomeados como pulsão de vida (*Eros*) e pulsão de morte (*Thanatos*). *Eros* é o instinto regido pelo amor e da sobrevivência da vida comunitária, que conserva as unidades e pensa o outro de modo

gregário, proporcionando o convívio harmonioso entre os seres humanos. *Thanatos* é o instinto de morte e pode ser percebido nas manifestações agressivas e na discórdia, o que proporciona, conseqüentemente, a desagregação da vida em unidade (Cf. GIACOIA, 2008).

Apesar das pulsões se apresentarem de forma maniqueísta, como se forças do bem e do mal estivessem em um embate constante, na qual o “mal” deve sucumbir ao “bem”, essa rivalidade é ilusória, uma vez que, segundo Lima (1995):

O caráter criador da pulsão de morte reside no oposto do que *Eros* efetua. *Eros* massifica, não deixando transparecer diferenças entre os elementos em questão. É *Thanatos* que promove estas diferenças produzindo um corte sobre organizações e sistemas já estabelecidos, possibilita, com isso, o aparecimento do novo. (LIMA, 1995, p. 68)

No texto *Por que a guerra?* (1932), baseado nas correspondências entre Einstein e Freud, ao ser questionado por Einstein sobre a existência de alguma forma de livrar a humanidade da ameaça de guerra e possíveis soluções para a paz mundial, Freud diz que a pulsão de poder ou de crueldade é irredutível, considerando que é mais antiga do que os princípios e que por essa razão nenhuma política poderá erradicá-la.

Em síntese, Freud é veemente em dizer que essas pulsões são intrínsecas à *psique* humana e vitais para a evolução e manutenção da vida. Por isso aconselha a que não se alimente nenhuma esperança ante a irrevogável existência das pulsões de ódio (morte) e de destruição. O que se faz necessário é lidar com elas de maneira indireta sem intenção de extirpá-las. Freud esclarece que,

[...] não devemos ser demasiado apressados em introduzir juízos éticos de bem e de mal. Nenhum desses dois instintos é menos essencial do que o outro; os fenômenos da vida surgem da ação confluyente ou mutuamente contrária de ambos. (FREUD, 1932 *apud* VENTURA; SEITENFUS, 2005, p. 38)

Nesse sentido, tem-se que *Eros e Thanatos* representam a significação dos opostos que regem a nossa existência e as dualidades vividas pelo ser, quer seja relativo à temática do existencial: masculino/feminino, homem/animal, espírito/corpo, vida/morte, ou aos místicos: deus/diabo, anjo/demônio, céu/inferno, entre outros, desde os primórdios da civilização (BRAVO, 2000).

Entende-se que o paradigma do duplo, em meio às divergências existenciais e à fragmentação do ser, desencadeia um contínuo movimento no qual, confundindo-se e contrapondo-se, o indivíduo deixa de ser ele

mesmo para ser o resultado de sua transformação ou transmutação.

Na Literatura o duplo é retratado como uma entidade que desdobra o ‘eu’ e que nem sempre suas partes coexistem de forma pacífica. Ao definir o verbete ‘duplo’, Caia (2009), ressalta que ambos são o espelho de si mesmos, que se vê e se revê no outro. Considerando que a perspectiva é subjetiva, só o julgamento tridimensional do ‘eu’ poderá efetuar o reconhecimento do outro ‘eu’ enquanto seu duplo, assistindo-se de novo, a um processo de identificação ou de oposição.

Uma das primeiras denominações literárias de ‘duplo’ (*Doppelgänger*) foi feita pelo poeta alemão Jean-Paul Richter¹² (1796), que definiu essa característica como um ‘alter ego’, ou seja, as pessoas que se veem a si mesmas, seja pela semelhança física ou por características psicológicas que resultam em atitudes geradas pela mesma ordem de ideia, conhecida também pela expressão ‘almas gêmeas’, que trata das duas faces complementares do mesmo ser.

Na perspectiva psicanalítica de Rank (2013), o que o desencadeia o duplo é um conflito psíquico, uma perturbação íntima. Em estudos sobre os diferentes aspectos do duplo em obras literárias, o autor diz que quando a duplicação aparece em textos, as personagens, ou personalidades, podem ameaçar-se ou proteger-se ou podem executar as duas ações simultaneamente.

Brunel (2000) citando Keppler (1970) diz que o sócia (duplo) é caracterizado pela existência de dois indivíduos fisicamente idênticos, mas que possuem personalidades contrárias. No duelo dos sócias, a presença do igual destrói o sentido de identidade particular e instaura o medo da equivalência dos desejos. É como se dois corpos tivessem de ocupar o mesmo espaço. Brunel (2000) explica que, ao mesmo tempo, o duplo é igual e diferente, podendo ser até mesmo o seu oposto, causando no duplicado sensações emocionais extremas de atração e repulsa, o que resulta na ideia de completude ou rivalidade.

3. A dualidade humana em textos bíblicos

De acordo com Proença (2012), a Teologia e a Literatura têm se

¹² Jean-Paul Richter, poeta alemão do Século XVIII, foi um dos precursores da tensão entre os opostos que caracterizou o Movimento do romantismo e cunhou o termo *Doppelgänger*, que se traduz por “duplo”.

entrelaçado em diversos estudos linguísticos, no quais a Bíblia se apresenta como um artefato literário que traz indicações de como uma determinada cultura e época conceberam Deus, que é antes de tudo, representado como uma criação literária.

No que se refere à apropriação da realidade e do discurso, Fiorin (2006, p. 167) explica que os homens não têm acesso direto à realidade, pois nossa relação com ela é sempre mediada pela linguagem e pela forma como nosso discurso se relaciona com outros discursos que semiotizam mundo. Isso significa que o real se apresenta para nós semantizados por meio dos discursos e não pelas coisas que representam a realidade.

No discurso bíblico a origem primordial do dualismo se mostra presente no Antigo Testamento, no livro do Gênesis, em que, o homem começa sendo um, depois Deus o corta em masculino e feminino, dando-lhe uma natureza dupla, um ser desdobrado em si (Cf. BRAVO, 2000).

Então, o senhor Deus adormeceu profundamente o homem; e enquanto ele dormia, tirou-lhe uma de suas costelas, cujo lugar preencheu de carne. Da costela que retirara do homem, o senhor Deus fez a mulher e conduziu-a até o homem. (BÍBLIA, *Gênesis*, 2, 21-22)

A ambiguidade na constituição humana, um ser masculino e um ser feminino, causa a desobediência a Deus e, conseqüentemente, o exílio de seu paraíso original, uma vez que rejeitou a plenitude da vida eterna ao comer do fruto da árvore do conhecimento e ganhar o livre arbítrio. “O Senhor disse: aqui está o homem, que pelo conhecimento do bem e do mal, se tornou como um de nós.” (BÍBLIA, *Gênesis*, 3, 22).

A partir do momento em que é quebrada a unidade entre Criador e criatura, se inicia o conflito que rege a vida do indivíduo, que passou a buscar, inconscientemente, o equilíbrio entre as duas forças intrínsecas em sua essência que, por vezes, o faz evoluir e, por outras, o destrói. Embora seja portador da essência divina, o homem sustenta como um nexos o estigma da humanidade, ou seja, sua finitude, que marca, indelevelmente, a dualidade como condição humana, inerente a sua vontade e escolha. Essa complexidade e esse mistério que envolve a existência do sujeito é uma constante no homem de todos os tempos e lugares, tornando-o submisso a uma força superior que o exalta e o sucumbe.

Ainda no Antigo Testamento o paradigma da dualidade se repete em Esaú e Jacó, filhos de Isaac. Sua esposa Rebeca, já com idade avançada e contrariando as leis da natureza, gerou duas crianças que brigavam pela primogenitura ainda em seu ventre:

Isaac pediu a proteção do Senhor para a sua mulher que era estéril. O Senhor ouviu-o e Rebeca, sua mulher, concebeu. As crianças lutavam no seu seio, e ela disse: Se isso devia conceder, para que havia eu de conceber? (BÍBLIA, *Gênesis*, 25, 21-2)

O que nasceu primeiro foi Esaú, que se tornou forte e agressivo, vivia pelo campo e era o preferido de Isaac. Agarrado em seu calcanhar, nasceu Jacó, que era frágil e dissimulado, gostava de ficar em casa com a mãe. O favoritismo dos pais agrava ainda mais o conflito entre os gêmeos: Jacó era o preferido do pai, enquanto a mãe demonstrava mais amor por Esaú.

A escolha soberana de Deus deveria prevalecer sobre a vontade de Isaac, mas a astúcia de Jacó, fortalecido pela preferência da mãe, destinou a suplantar seu irmão e apropriar-se de seus direitos, que fora sucumbido por Jacó com um prato de lentilhas. A impulsividade de Esaú em aceitar rapidamente a troca de sua primogenitura revela uma personalidade impulsiva e ingênua de alguém que se mostra descomprometida com as responsabilidades da escolha.

4. A dualidade e a tentativa de reversão nos gêmeos Pedro e Paulo na obra “Esaú e Jacó”

Publicado em 1904, quatro anos após a sua morte, “Esaú e Jacó” foi o penúltimo livro de Machado de Assis. Apesar de não figurar entre as obras mais lidas do autor, é vista como parte de seu apogeu literário. A obra traz à tona temas polêmicos que remetem à reflexão sobre a dualidade humana, como: a questão da religiosidade, a instabilidade emocional, crises existenciais, integridade do caráter humano, entre outros.

De acordo com Gomes (1958), as obras machadianas não se limitam em traduzir os gestos visíveis, mas ensejam explorar o movimento interior do pensamento dos seus personagens em *status nascendi*, ou seja, não somente o que ‘é’, mas o que ‘vai sendo’. Assim, ao vasculhar o comportamento dos seus personagens com seu olhar minucioso o grande escritor realista traz à superfície as ideias contidas no íntimo do ser, o que nos permite encontrar em sua arte o entendimento para o conflito interno que rege a vida dos seres humanos.

O romance narra as histórias dos gêmeos Pedro e Paulo, semelhantes na essência e opostos na existência, cuja rivalidade fora iniciada ainda no útero da mãe e se estendendo por toda a vida. Em meio as adversidades, os irmãos tinham algo em comum: o amor pela mãe Natividade e a

paixão por Flora. Contudo, na mesma intensidade em que o amor pela mãe os mantinha unidos, a paixão por Flora os separava. Durante toda a narrativa, nos deparamos com as divergências entre os dois, sobretudo no triângulo amoroso Pedro–Flora–Paulo. No romance os fatos existentes estão interligados por reflexões profundas que remetem as características da personalidade dos protagonistas, ora descritas sob olhar onisciente do Conselheiro Aires, ora focadas nas ações e no caráter das personagens.

Acerca dos aspectos discursivos que aludem a ambiguidade humana no romance machadiano, o título e os nomes dos gêmeos explicitamente remetem a textos bíblicos que aludem o embate entre pares: “Esaú e Jacó”, os filhos gêmeos de Rebeca, que brigavam ainda no ventre e, Pedro e Paulo, os apóstolos que eram rivais porque um pregava para os Judeus o outro evangelizava os gentios.

Na construção da narrativa a essência dual se mostra depreendida logo no prefácio da obra nomeada de *Advertência*, na qual descreve sobre os títulos que foram lembrados e que poderiam ser escolhidos, por exemplo, *Ab ovo*, que significa ‘desde o princípio’ e o que nos remete à gênese da criação.

Quanto ao título, foram lembrados vários, em que o assunto se pudesse resumir, *Ab ovo*, por exemplo, apesar do latim; venceu, porém, a ideia de lhe dar estes dois nomes que o próprio Aires citou uma vez:

ESAÚ E JACÓ

Dico, che quando, l' anima mal nata

Dante (EJ, p. 13)

A epígrafe *Dico, che quando l'anima mal nata*, (Digo, que quanto a alma (é) *mal* nascida), trecho do Canto V do *Inferno*, em *Divina Comédia*, de Dante Alighieri (1265–1321), traz à doutrina da predestinação divina que afirmava já estar decidido, antes mesmo do nascimento, a salvação ou não de uma alma (Cf. SILVA, MADALLENO, 2019). O discurso traz implícito a marca do indivíduo clivado (divino e terreno), que busca incessantemente pelo equilíbrio, persistindo na reestruturação do ser uno e ser salvo.

No romance, Natividade é a personagem na qual se alude o arquétipo maternal que luta pelo fim da rivalidade e a tentativa de unidade. Diante da incerteza do futuro dos filhos, Natividade busca no falar dobrado da cabocla acalantar suas angústias, contentando-se apenas em saber que as coisas futuras o tornariam felizes e gloriosos.

Serão grandes, oh grandes! Deus há de dar-lhes muitos benefícios. Eles não de subir, subir, subir...

Brigaram no ventre de sua mãe, que tem? Cá fora também se briga”. (EJ, p. 17)

O embate e as contradições entre os duplos também podem ser interpretados a partir das disputas políticas das quais os gêmeos são atraídos pelos aspectos de cada regime da época. O narrador diz que os dois nasceram no dia 7 de abril de 1870, por isso Paulo afirma: “Nasci no aniversário do dia em que Pedro I caiu do trono”. E Pedro afirma: “Nasci no aniversário do dia em que Sua Majestade subiu ao trono” (EJ, p. 48).

Na percepção de Natividade, Paulo era agressivo, operava por pancadas e tinha mais brutalidade em seus atos, por isso se ajustava à república. Já Pedro era dissimulado e tinha toda sutileza e sofisticação, ajustando-se à monarquia. Para Gledson (2007) as tendências políticas também podem ser observadas na escolha das profissões: Pedro estudava medicina, a visão do império como uma influência sanativa, unificadora, e Paulo seria advogado, que assim como a república, era briguento e rebelde.

O espírito de inquietação de Paulo e o espírito de conservação de Pedro, aludida na sinuosa situação política dos fins do século XIX, é um modelo de desenvolvimento dialético que conduz à reflexão sobre a o movimento que desencadeia a evolução da humanidade e a sinuosa situação psicológica das personagens em toda a narrativa.

Entre as citações eruditas, o autor retoma a poesia épica de “*Ilíada*” e “*Odisseia*” para definir o caráter dos gêmeos rivais. Com a mesma intensidade heroica com que Paulo é comparado ao espírito de luta de *Aquiles*, Pedro é exaltado com astúcia de *Ulisses*.

Aires deu-lhes uma citação de Homero, aliás duas, uma para cada um, dizendo-lhes que o velho poeta os cantara separadamente, Paulo no começo da *Ilíada*: “Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu, cólera funesta aos gregos, que precipitou à estância de Plutão tantas almas válidas de heróis, entregues os corpos às aves e aos cães...”

Pedro estava no começo da *Odisseia*:

— “Musa, canta aquele herói astuto, que errou por tantos tempos, depois de destruída a santa Ílion...” (EJ, p. 80)

Quanto à eficácia das palavras para exprimir o comportamento humano, a obra machadiana, deixa transparecer um progressivo ceticismo, no que se refere à essência e a aparência dos gêmeos, uma vez que

ora se mostram visível e decifrável e ora se torna intocável, misterioso e obscuro, conforme descritas nas alucinações de Flora no capítulo *Fusão, difusão, confusão*, em que a moça não consegue distinguir Pedro de Paulo:

Era um espetáculo misterioso, vago, obscuro, em que as figuras visíveis se faziam impalpáveis, o dobrado ficava único, o único desdobrado, uma fusão, uma confusão, uma difusão...” (EJ, p.136)

O discurso paradoxal predominante em toda a narrativa, por vezes, deixa transparecer uma tentativa de reversão da dualidade em unidade por meio do amor dos gêmeos pelas mesmas mulheres: Natividade e Flora. Por amor à mãe eles prometeram não brigar mais. Porém, o período de paz não passou de uma trégua, e a rivalidade, naturalmente, prevaleceu.

Nisto as duas se parecem, — uma os concebeu, outra os recolheu. Agora, como é que se dá ou se dará a escolha de Flora, nem o próprio Mefistófeles no-lo explicaria de modo claro e certo. O verso basta:

Ai, duas almas no meu seio moram! (EJ, p. 137)

Objeto do amor dos dois gêmeos, Flora, a protagonista feminina, é uma *inexplicável*, na definição do conselheiro Aires. Ela é a síntese personificada da ambiguidade, *tão etérea e tão ambiciosa ao mesmo tempo*, não os encoraja nem os rejeita, e tem estranhos delírios nos quais as figuras dos dois irmãos se fundem.

Flora ria com ambos, sem rejeitar nem aceitar especialmente nenhum; pode ser até que nem percebesse nada. Paulo vivia mais tempo ausente. Quando tornava pelas férias, como que a achava mais cheia de graça. Era então que Pedro multiplicava as suas finezas para se não deixar vencer do irmão, que vinha pródigo delas. E Flora recebia-as todas com o mesmo rosto amigo. (EJ, p. 65)

Flora era *uma Beatriz para os dois*. O único e inexplicável elo que poderia imbricar o ímpeto de Paulo à sutileza de Pedro: coração e espírito, corpo e alma. A moça era um doce sinal de esperança, de piedade e de perfeição, que, no eterno feminino, corresponde a diferentes e confusas expressões de idealidade. Herdeira do subjetivismo machadiano, a moça representa o mito da hesitação, que não aceitando outra vida senão a plenitude, morre de tanto esperar um momento ideal: “Pensou enganar-se, mas não; era uma só pessoa, feita das duas e de si mesma, que sentia bater nela o coração (EJ, p. 142).

Para Flora o ideal estaria na fusão impossível dos dois opostos: sintetizar em um só corpo as virtudes eminentes de cada rapaz.

No valor e no ímpeto podia comparar o coração ao gêmeo Paulo; o espírito, pela arte e sutileza, seria o gêmeo Pedro. Foi o que ela achou no fim de algum tempo, e com isso explicou o inexplicável! (EJ. p. 156)

Para Flora, Faminta de perfeição, Flora torna-se presa de um espetáculo obscuro e vago no qual passou a sua curta vida tentando amalgamar Pedro e Paulo, duas forças vitais e contrárias, que com seus desejos a confundia. Escolher Paulo, seria negar as qualidades de Pedro, e escolher Pedro seria fazer injustiça às virtudes de Paulo. Em suma, escolher seria mutilar-se ou rejeitar a outra parte do ser.

A conclusão de Aires de que a moça era uma ‘inexplicável’ deve-se ao fato de que sua alma era impenetrável e enigmática até mesmo para ela própria que, entregue a uma luta íntima constante, nem saberia dizer o que sentia. No entanto, aceitar um dos gêmeos seria extirpar todo o encanto e reflexo da indecisão.

5. Conclusão

Os gêmeos Pedro e Paulo, figuras representativas do duelo entre os duplos, apresentam características distintas e radicais que, em meio a situações da vida, às vezes se protegem e se unem em prol de um interesse comum: o amor da mãe, e em outras, frente a um desejo individual: a paixão por Flora, se tornam aversivos e se sentem ameaçados pela presença do outro. Nesse sentido, tanto trégua quanto a luta, podem ser entendidas como uma interação entre os opostos, seja a favor de um ideal de vida e de uma coletividade, ou por um desequilíbrio que se faz necessário para que as diferenças, os interesses e as particulares se sobresaem.

Além da descrição da personalidade dos gêmeos, a ênfase machadiana na dualidade humana pode ser interpretada em toda construção narrativa do romance: nas tensões dos regimes políticos da época (Monarquia *versus* República) na nomeação dos capítulos (*Melhor que de descer do que subir; desacordo no acordo; Fusão, difusão e confusão* e outros), sobretudo, na intertextualidade com textos bíblicos e com os clássicos da Literatura (Dante Alighieri, Goethe e outros).

O ápice do conflito dual encontra-se no triângulo amoroso Pedro – Flora – Paulo. Em Flora alude-se a esperança do equilíbrio e da razão, na qual a idealização da unidade e do amor perfeito se realizaria na fusão das qualidades particulares dos gêmeos, ou seja, sintetizar em um só cor-

po as virtudes eminentes de cada rapaz. Por essa razão, escolher um dos gêmeos seria mutilar-se em sua essência, sendo preferível perecer na dúvida e manter todo o encanto do mistério da indecisão que envolve a personalidade inexplicável da moça.

Em suma, a morte de Flora simboliza a impossibilidade de permanência da unificação entre as pulsões, ou de extirpação das mesmas, uma vez que a antítese habita, radicalmente, na *psique* do homem e que a plenitude se encontra em sua natureza multifacetada. A duplicação do ‘eu’, retratada nos gêmeos não se constituem entidades autônomas, mas simbolizam a complexidade da psique humana em que as pulsões de vida e morte se mostram emaranhada em cada indivíduo. Segundo Freud (1920), essas pulsões precisam coexistir para que a humanidade possa evoluir e perpetuar-se.

A partir desses olhares, entende-se que as vicissitudes da vida e as relações dos indivíduos, (intrapessoal e interpessoal) se desdobram em transformações, que quase sempre, são geradoras de perplexidade que nos colocam constantemente em situações de duelos que envolvem amor/ódio e guerra/paz, entre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. Coleção Grandes Mestres da Literatura Brasileira. V. 19. São Paulo: Escala, 1984.

BÍBLIA, Português. *Bíblia Sagrada*. Trad. de Difusora Bíblica dos Missionários Capuchinhos de Portugal. 8. ed. São Paulo: Santuário, 1978.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 4. ed, São Paulo: Cultrix, 2015.

BRAVO, Nicole. Duplo. In: BRUNEL, P. *Dicionário de mitos literários*. Trad. de Carlos Süssekind. et al. São Paulo: José Olympio, 2000.

BRUNEL, Pierre. *Dicionários de Mitos Literários*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2000.

CAIA, Carlos. *E-Dicionário de termos literários*. 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/duplo/> Acesso em 11 de ago. 2021.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

- GOMES, Eugênio. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: São José. 1958.
- GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Além do princípio do prazer: um dualismo incontornável*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. (coleção: para ler Freud)
- GLEYDSON, John. *Machado de Assis – Ficção e História*. Trad. Sonia Coutinho, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- LIMA, Alcimar de Souza. *Pulsões: uma orquestração psicanalítica no compasso entre o corpo e o objeto*. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- MASSAUD, Moisés. *A análise literária*. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.
- PROENÇA, P. S. Literatura, Bíblia e teologia: Machado de Assis em foco. *Teologia e sociedade*, v. 9, p. 26-43, São Paulo, 2012.
- RANK, Otto. *O duplo: um estudo psicanalítico*. Trad. de Erica Luísa Sofia Foerthmann Schultz. Porto Alegre: Dublinense, 2013.
- SILVA, Teresinha Vânia Zimbrão da; MADDALENO, Izabella. Machado de Assis e a Divina Comédia. *Machado de Assis em linha [online]*. 2019, v. 12, n. 26, p. 181-98. <https://doi.org/10.1590/1983-68212019122610>.
- VENTURA, Deisy de Freitas Lima; SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *Um diálogo entre Einstein e Freud: por que a guerra?*. Santa Maria: FADISMA, 2005.